

Com poucos recursos, mas muita garra, projeto do Centro de Ensino Médio 3 da Ceilândia abre canal de expressão para alunos especiais

Marcelo Ferreira/CB/7.4.05



A EXPERIÊNCIA DA BANDA MARCIAL DE ALUNOS ESPECIAIS DA CEILÂNDIA MOSTRA MAIS UMA VEZ O PODER DA ARTE EM SUPERAR TODAS AS LIMITAÇÕES

Uma saída pela arte

MARCELA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

A maioria deles não sabe ler. Alguns têm dificuldade até para identificar as cores e o caminho de casa. Mas, quando o assunto é música eles demonstram técnica, habilidade e dedicação. O professor fala o nome da canção e imita com a boca a nota musical que inicia uma música. Sem partituras, eles começam a tocar. Aos poucos, o som da Banda Marcial de Alunos Especiais do Centro de Ensino Médio 3 da Ceilândia mostra que a arte supera qualquer limite.

Márcio Glayton, 30 anos, é um dos 40 integrantes da banda. O rapaz tem orgulho de contar a sua história. Gosta de cantar desde criança. Para aperfeiçoar suas habilidades, em 2000 procurou um curso na APAE/DF e aprendeu em apenas seis meses a tocar saxofone. Hoje, toca trombone, saxofone e é o vocalista do grupo Toque Especial, um subgrupo da banda formado pelos dez músicos mais experientes. Mesmo com dificuldade para se locomover com o auxílio de uma muleta, ele não falta a nenhum ensaio e apresentações da banda. "Gosto muito de música. Aqui posso mostrar o que sei fazer, tocar e cantar. Mas o melhor é mostrar que somos capazes", diz.

Companheiro de Márcio desde o início do projeto, em 1995, Marcos Antônio Mariano Alves, 33 anos, é o mais velho da banda e ajuda o professor nos ensaios. Organiza os colegas, orienta os integrantes para não fugirem da nota musical correta e até chama a atenção do grupo, se precisar: "Se não houver disciplina na música não teremos em lugar nenhum, nem

EU SEI QUE ESSA PODE SER A ATIVIDADE MAIS IMPORTANTE NA VIDA DELES. POR ISSO É QUE ELES A FAZEM TÃO BEM

Maestro Júnior, regente da banda

em casa", explica. Nem quando está em casa, longe dos amigos, tira a banda da cabeça. "Eu luto para conseguir patrocínio. Não me canso de andar, de pedir ajuda."

A banda foi criada há dois anos. Mas a história começou bem antes. Em 1975, os alunos do Centro de Ensino Especial 1 de Taguatinga (C.E.E. 1) começaram a receber lições de música, um verdadeiro desafio para os professores. Segundo Nefali Lopes de Moraes Júnior, 38 anos, professor e músico, o projeto durou 18 anos. "Era um trabalho maravilhoso, elogiado por muitos" lembra.

Com a morte de um dos professores responsáveis pelo projeto, as aulas foram interrompidas por dois anos. Em 1994, Nefali Júnior foi convidado para dar continuidade ao trabalho. Não hesitou em aceitar. E desde 1995, sob sua regência, crianças, jovens e adultos com necessidades especiais aprendem bem mais que tocar instrumentos. Descobrem-se capazes de levar alegria para muitas pessoas por meio da música. Descobrem que não estão excluídos.

O maestro Júnior, como é chamado pelos garotos, se envolveu com a música nos tempos de criança. Rapidamente, começou

a tocar flauta doce, clarineta, teclado, saxofone e percussão. Fez cursos na Escola de Música de Brasília, estudou música na Universidade de Brasília (UnB), e se formou pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. "Acho que tomei isso como uma missão. Um projeto tão bonito não poderia ficar parado", afirma.

Quando o projeto foi reaberto, alunos de outras escolas e pessoas da comunidade se interessaram pela atividade e procuraram o C.E.E. 1. No segundo ano do laboratório de música, os alunos mais experientes decidiram montar o grupo Toque Especial. O grupo passou a animar aniversários, casamentos, bailes de formatura. Com o que recebiam compraram novos instrumentos e equipamentos de som. E quando sobrava dinheiro, dividiam entre si.

Doação

Itamar dos Santos Lucena, 30 anos, é o baterista do grupo Toque Especial e tocador oficial de trombone da banda. Segundo a mãe dele, Maria Carmelita dos Santos, 54 anos, desde pequeno ele costumava batucar em latas no quintal. "Percebi logo que ele tinha uma queda para a música",

conta a dona-de-casa, que dedica sua vida ao filho e acabou adotando os integrantes da banda como filhos também.

Com 40 integrantes, eles dispõem de 21 instrumentos, apenas quatro estão em perfeito estado. Os alunos só têm um uniforme, que usam em todas as apresentações. O uniforme, que eles chamam de gala, foi doado por uma banda de São Paulo que abriu mão das vestes, por já estarem velhas. Durante a semana, quando é preciso, o professor vira até motorista particular. Em sua Kombi branca, Júnior busca em casa aqueles que não andam sozinhos e os pais não podem acompanhar. É ele que paga o dinheiro do combustível: "Por segurança, é melhor buscá-los. Com o transporte eles não faltam aos ensaios", conta. A Kombi já ganhou até mais um acessório, um bagageiro para transportar os instrumentos em dias de apresentação.

Para Isabel Bonfim, professora do Centro de Ensino Fundamental 4 de Ceilândia, que leciona para oito alunos que estão na banda, mesmo com a falta de recursos, o improviso, os instrumentos quebrados, a atividade musical é a única hora de lazer para muitos. A próxima apresentação da banda está marcada para o dia 17 de abril, no desfile em comemoração ao Aniversário de Ceilândia, em frente à Administração. Com o mesmo uniforme de gala – o único, estarão firmes mostrando o que sabem fazer: tocar e emocionar plateias. "É difícil pensar nisso. Mas sei que essa atividade pode ser a coisa mais importante da vida deles. É por isso que fazem tão bem", conta o professor Júnior, maestro e amigo da banda.